

**ABORDAGEM DOS MORFEMAS DERIVACIONAIS EMPREGADOS NAS CANTIGAS D'AMIGO GALEGO-PORTUGUESAS**

*Maria Regina Pante (UEM)*  
[mrpante@uem.br](mailto:mrpante@uem.br)

**RESUMO**

Este artigo aborda, de maneira sistemática, os sufixos empregados nas Cantigas d'Amigo Galego-Portuguesas, bem como sua frequência no *corpus*. Com base em gramáticas históricas e em dicionários etimológicos, buscamos os sentidos dos sufixos empregados e apresentamos, sempre que possível, a regra de formação empregada.

**Palavras-chave:** diacronia, lexicologia, morfemas derivacionais.

**INTRODUÇÃO**

A derivação sufixal ou sufixação é um processo de formação morfolexical extremamente produtivo na história da língua portuguesa. Sua participação na formação do léxico português é de extrema relevância, principalmente quando são abordados textos pertencentes à primeira fase da língua, séculos XII a XVI, importante etapa do estabelecimento de um léxico tipicamente português. Com base em um *corpus* representativo da primeira fase do português arcaico (*Cantigas de Amigo galego-portuguesas*), estudamos os sufixos em uso no português desse período de formação do léxico da nossa língua e observamos o sistema derivacional em seus aspectos funcionais e semânticos, considerando possíveis mudanças em relação ao latim e ao português contemporâneo.

No que concerne ao estudo da morfologia derivacional em uma perspectiva diacrônica, as chamadas gramáticas históricas 'didáticas' são fontes preciosas. Malkiel define gramática histórica como

Uma organização formal de dados estritamente lingüísticos que dizem respeito mais à estrutura do que ao léxico e que são interpretados numa perspectiva diacrônica; ou seja, pressupõe-se pelo menos a existência de dois conjuntos de formas paralelas separadas por um período de tempo suficientemente extenso (...). Toda a gramática histórica é, por definição, comparativa e a comparação requerida consiste numa confrontação ponto por ponto de dois estádios sucessivos razoavelmente distantes da mesma

Corroborando com a definição do autor, percebe-se que a grande maioria das gramáticas históricas das línguas românicas apresenta o confronto entre o Latim e o estado atual de uma língua. Os gramáticos históricos da língua portuguesa, em sua maioria, partem da descrição da evolução da nossa língua, desde a origem até ao período que se pretende estudar. Em consequência, eles elegem o método histórico-comparativo, tanto para estabelecer a comparação entre estádios diferentes do português, quanto para comparar o português com outras línguas românicas.

Em um primeiro momento, parece que a diacronia é privilegiada, devido ao seu caráter explicativo; no entanto a sincronia (ou sincronias), por vezes, assume objetivo central e, nesses casos, o caminho se dá do presente para o passado, embora o presente seja resultante de evoluções verificadas ao longo dos tempos.

Said Ali ([1931] 1964: 11), no prólogo da sua *Gramática Histórica*, esclarece que se tratava de "uma gramática histórica que, sem desprezar a evolução do latim para o português, estudava particularmente as alterações do idioma nas diversas fases do português histórico, isto é, no largo período decorrido desde o tempo que se conhece o português como língua formada e usada em documentos". Para ele, portanto, o confronto do português da época com o português arcaico era mais importante do que a comparação com o latim, característica que diferenciou sua obra das demais gramáticas históricas contemporâneas ao autor.

Excetuando-se a sua obra, nos estudos da morfologia histórica do português, constata-se, primeiramente, que há uma falta de delimitação do período a ser abordado e, em segundo lugar, que os sufixos são pouquíssimo estudados diacronicamente. Um último aspecto que convém registrar é o fato de que, na maioria das gramáticas históricas, não é possível averiguar com uma maior certeza qual a produtividade dos morfemas derivacionais e quais os seus significados. Além do mais, devido a essa falta de delimitação do período a ser analisado, percebe-se que muitos dos morfemas derivacionais apontados como produtivos não o são, enquanto outros, apontados como improdutivos, aparecem com alta frequência.

Os morfemas derivacionais podem apresentar distintas signifi-

cações, o que pode ser resolvido com uma classificação semântica de cada um. Um outro aspecto a ser considerado é a base sobre a qual se anexa o sufixo: base nominal substantiva, base nominal adjetiva, base adverbial ou base verbal, pois há casos em que um mesmo sufixo vem anexado a bases de natureza distinta, resultando, obviamente, em sentidos distintos.

Nesse sentido, Said Ali apresenta riquíssimo levantamento e descrição minuciosa dos sufixos formadores de substantivo, de adjetivos e de verbos; traz a etimologia desses sufixos e de alguns derivados e analisa as mais variadas significações que os sufixos transmitem às bases.

## OS SUFIXOS EMPREGADOS NO PORTUGUÊS ARCAICO (SÉCULOS XII A XIV)

Devido à brevidade deste trabalho, não será realizada uma descrição minuciosa de todos os sufixos constantes nas gramáticas históricas, mas apenas dos sufixos empregados no *corpus* em questão. Não serão analisados os sufixos *-ADO*, *-UDO*, *-IDO*, por estarem situados entre a flexão dos verbos e a derivação dos nomes. (Os sufixos estão em ordem alfabética, não por ordem de frequência, a qual está entre parêntese); indica-se com um *X* a base à qual foi anexado o sufixo.

1) *-AGEM* (1 ocorrência): do latim *-aticu-*, o sufixo *-agem* produziu o adjetivo *selvagem* (também usado como substantivo) e uma série de substantivos que, no português atual, são todos do gênero feminino, exceto *personagem*, que é de dois gêneros. Esse sufixo apresenta sentidos diversos: noção coletiva: em que há muito *X*: *plumagem*, *pastagem*; significam ou significavam certos impostos: em que se paga *X*: *carceragem*, *portagem*; atos ou estados: ato de *X*: *malandragem*, *vadiagem*. No *corpus*, encontramos *LINHAGE*: que tem *X*: genealogia, geração, estirpe, família, sentido vindo da palavra-base *linha* (ligação).

2) *-AL* (8 ocorrências): do latim *-alis*, tem significado em *SIGNAL*. A produtividade em português se estabelece como formador, sobretudo, de adjetivos de bases nominais com significado de “qualidade de *X*” ou apenas com função de reforço: *DESCOMUNAL*, *DESIGUAL*, *DESLEAL*, *MENTIRAL*, *MORTAL*, *NATURAL*. No sentido de

“planta que produz X”, ocorre apenas em *AVELÃAL* (*AVELANAL*).

3) -ARIA, -IA (5 ocorrências): significa “ação característica de X”, donde “coletivo de X”, “local onde se encontram muitos X”: *ROMARIA*. Esse sufixo formado de -ARIO e -IA associava-se inicialmente a significações de -IA como “ação típica de X”: *MAESTRIA*, *SOBERVIA*; “característica de quem é X”: *SABEDORIA*; “local administrado por um X”: *BAILIA*.

4) -ÇON (10 ocorrências): Abstratos derivados de verbos normalmente com o sentido de “ato de X” muitas vezes com o sentido já opaco, sobretudo nos que passaram a indicar substantivos concretos ou naqueles cujo radical já não é visível: *CORAÇON*, (ou *CORAÇOM/CORAÇÕES*), *ORAÇON*, *SAGRAÇON*, *SAZON*, *TRAIÇON*, *BEENÇON*, *PARTIÇON*, *PEDIÇON*, *RAZON* (ou *RAZOM*), *PRISON* (*PRIJÕES*).

5) -DADE, -TADE (8 ocorrências): Formador de abstratos derivados de adjetivos ou de substantivos com o significado de “característica de quem ou daquilo que é X”; muitos casos são derivados do próprio latim e têm o significado sufixal opaco: *BONDADE*, *CARIDADE*, *FALSIDADE*, *PURIDADE*, *SOIDADE(S)* (*SUIDADE*), *TORPIDADE*, *VERDADE*, *VOONTADE*.

6) -ECE, -EZA (2 ocorrências): “Característica de quem ou daquilo que é X”: *SANDECE*, *TRISTEZA*.

7) -EDO (1 ocorrência): Só ocorre em *AVELÃEDO* (*AVELANEDO*) com a significação de grande quantidade, conjunto, coletivo.

8) -EIRO (11 ocorrências): Normalmente substantivos e adjetivos derivados de nomes significando “aquele que ou daquele que (trabalha com, está em, tem, em que se guardam) X”, com grande número de casos opacos: *BARQUEIRO*, *CAVALEIRO*, *ESCUDEIRO*, *MANDAIDEIRO*, *MARTEIRO*, *MONTEIRO*, *VERDADEIRO*. Por meio dos sufixos -EIRO, -EIRA, derivam-se muitos nomes de plantas ou de árvores com os nomes dos respectivos frutos, flores ou outros vegetais: *AVELÃEIRA* (*AVELANEIRA*). Por outro lado, temos também casos de significação opaca ou com indicações locativas: *CARREIRA* (caminho de carros, por onde passam os carros), *FRONTEIRA* (que está em frente), *RIBEIRA* (terreno banhado por um rio).

9) -ELA, -INHO(A) (7 ocorrências): Nomes derivados de no-

mes que normalmente denotam valores como “aquele que é um *X* pequeno ou delicado” ou adjetivos derivados de adjetivos que significam “qualidade de quem é bem *X* (ou *X* de uma maneira sutil, graciosa, delicada)”: *BAIOZINHO*: *DONZELA*, *FREMOSINHA*, *MANSELINHO(A)*, *PASTORELA*, *PASSARINHA*, *PONCELA*.

10) –ES (2 ocorrências): sufixo que indica substantivos derivados de nomes com o sentido de “quem ou aquilo que é proveniente de *X*”: *FRANCÊS*, *PORTUGUESE(S)*.

11) –IÇO (1 ocorrência): Do particípio do pretérito de certos verbos, derivam-se, por meio do sufixo –IÇO, adjetivos que denotam propensão para um ato ou facilidade de se poder realizar o dito ato. Outras vezes ocorre com o sentido opaco: *SERVIÇO*.

12) –NTE (4 ocorrências): Sufixo originário do particípio latino em –ENDA, hoje não tão produtivo, traz 4 ocorrências no *corpus*: *CREENTE*, *SEMBRANTE*, *ENTENDENTE*, *MALDIZENTE*.

13) –ON (1 ocorrência): Nomes derivados de bases nominais que normalmente denotam valores como “aquele que é um *X* pequeno ou delicado” ou adjetivos que significam “qualidade de quem é bem *X* (ou *X* de uma maneira sutil, graciosa, delicada)”: *PADRON*.

14) –OR, –URA, DOR (20 ocorrências): Têm em comum a ligação com bases participiais do verbo. As formas mais antigas com –OR muitas vezes formam abstratos com sufixo opaco a partir do radical verbal: *ALVOR*, *AMOR(ES)*, *PAVOR*, *SABOR*. O sufixo –DOR, por sua vez, tem significado claramente agentivo e deriva de participios, isto é, “aquele ou aquilo que *X*”: *DIZEDOR*, *ENTENDEDOR*, *MENTIDOR*, *MERECEDOR*, *PASTOR*, *PECADOR*, *PERDOADOR*, *REMADOR*, *SABEDOR*, *SOFREDOR*, *TRAEDOR*, *TROBADOR(ES)*. Os derivados de –URA mais antigos são deverbais e não têm o traço [+humano], podendo significar “lugar onde se *X*”: *ESTREMADURA*. Quando derivados de adjetivos, formam abstratos que significam “característica de quem ou daquilo que é *X*”: *CORDURA*, *LOUCURA*, *MESURA*.

15) –OSO (7 ocorrências): Sufixo bastante produtivo, forma adjetivos derivados de nomes com o sentido específico de “qualidade de quem ou daquilo que tem muito *X*”: com muitos casos de opacidade: *BRIOSAS*, *FREMOSO(AS)*, *OMILDOSO*, *PODEROSA*, *QUEI-*

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

XOSO(A), VIÇOSA. Às vezes, o adjetivo pode ter o sentido ativo, significando “produzir ou provocar alguma coisa”: *SABOROSO*.

16) –UME (1 ocorrência): Sufixo que forma nomes com noção coletiva: *QUEIXUME*.

17) –UDO (1 ocorrência): Forma adjetivos denominais com o valor de “qualidade de quem ou daquilo que tem X grande”. No *corpus*, temos apenas o registro da forma *SANHUDO(A)*.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme se pode observar, muitos dos sufixos elencados nas gramáticas históricas não apresentam uma ocorrência efetiva no *corpus* em questão. Não encontramos, por exemplo, formações com os sufixos –VEL, derivação bastante produtiva no português atual, e apenas uma com os sufixos –IÇO, –EDO, –UDO, –UME. Por outro lado, temos grande produtividade dos sufixos formadores de substantivos abstratos, como –ÇON e –MENTO, dos quais o primeiro, devido à obscuridade das bases às quais se aplica, cederá lugar ao último. Eram produtivos, e ainda o são, os sufixos –AL; –ARIA, –IA; –EIRO, –EIRA; –OR, –URA, –DOR; –DADE, –OSO. No entanto, entendemos que são necessárias mais investigações com outros documentos dos mesmos períodos para que se possa realmente constatar a alta ou baixa produtividade dos sufixos em questão.

### REFERÊNCIAS

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CUNHA, Antônio Geraldo da. (Coord.). *Vocabulário histórico cronológico do português medieval*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. CD-ROM.

MALKIEL, Yakov. A Tentative Typology of Romance Historical Grammars. **In:** *Essays in Linguistic Themes*, Oxford: Blackwell, 1960, p. 71-164 (também em *Lingua* IX-4, 1968)

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: Imprensa Naci-

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

onal Casa da Moeda, 1999.

NUNES, José Joaquim. *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. Lisboa: Clássica, 1945.

SAID ALI, Manuel. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 8ª ed. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: UNB, 2001.

VIARO, Mário Eduardo. *Para um estudo de semântica sincrônica dos sufixos derivacionais em português do século XIII*. Estudos Linguísticos, Taubaté: Unitau, 2003. CD-ROM.